

O QUE REVELAM AS METÁFORAS INTRACULTURAIS SOBRE HOMENS E MULHERES

WHAT INTRACULTURAL METAPHORS REVEAL ABOUT MEN AND WOMEN

Marcelo Saporas
Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Universidade Federal da Grande Dourados
(marcelosaporas@ufgd.edu.br)

Sumiko Nishitani Ikeda
Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(sumiko@uol.com.br)

RESUMO: O objetivo deste artigo é verificar se os gêneros masculino e feminino constituiriam fenômenos intraculturais, cujas diferenças aflorariam em suas expressões linguísticas. Iniciamos examinando as avaliações que ambos os gêneros fazem do sexo oposto e do próprio sexo. Em uma segunda etapa, o escopo das avaliações foi diminuído, enfocando apenas o conceito de VIDA, sobre a qual opinaram homens e mulheres. Subjacente à essa pesquisa, havia a intenção de preencher uma lacuna, apontada pela literatura nos estudos sob a perspectiva da linguística cognitiva, que pretendia verificar se diferentes segmentos de uma cultura usariam diferentes tipos de metáfora. A pesquisa foi realizada em um setor da cultura paulistana (constituída por colegas e professores da universidade além de amigos), enfocando as metáforas referentes à vida, que acontecem entre falantes de uma mesma língua, mas pertencentes a diferentes gêneros (masculino X feminino) e faixas etárias. A pesquisa tem o apoio teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional, em especial do sistema de Avaliatividade, da Metafunção interpessoal desta teoria. Os resultados mostram que, em termos gerais, homens e mulheres se valem de expressões avaliativas diferentes em relação ao sexo oposto, ao seu próprio, bem como de metáforas diferentes em relação à vida.

Palavras-chave: Diferenças intraculturais. Homens e mulheres. Linguística Sistêmico-Funcional. Avaliatividade. Metáfora intracultural. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: The purpose of this article is to verify whether the masculine and feminine genders constitute intracultural phenomena, whose differences occur in their linguistic expressions. We begin by examining the appraisal that both genders make of the opposite sex and of their own sex. In a second step, the scope of the appraisals was decreased, just focusing on the concept of LIFE, about which men and women opined. Underlying this research, we intended to fill a gap pointed out by theories related to cognitive linguistics, which aimed at verifying whether different segments of a culture would use different types of metaphor. The research was carried out in a sector of the São Paulo culture (consisting of colleagues, university professors and friends), focusing on the metaphors that occur among the speakers of the same language that belong both to different genders (masculine X feminine) and to different age groups. It has the theoretical and methodological support of Systemic Functional Linguistics, particularly the Appraisal system, the interpersonal metafunction of this theory. The results show that men and women make use of different evaluative expressions and different metaphors concerning life and the opposite sex.

Keywords: Intercultural differences. Men and women. Systemic Functional Linguistics. Appraisal. Intracultural metaphor. Cognitive Linguistics.

Introdução

Homens e mulheres têm conexões cerebrais muito diferentes revela um estudo de Verma (apud LEWIS, 2013), da Universidade da Pensilvânia (EUA), publicado nos Anais da Academia Americana de Ciências, que examinou 521 mulheres e 428 homens. Mapas da conectividade cerebral revelam diferenças impactantes, mas também complementares, na arquitetura do cérebro humano, que ajudam a elaborar uma base neuronal para explicar o motivo pelo qual homens e mulheres desempenham diferentes funções de formas diferentes e com habilidades diferentes. O estudo concluiu que as mulheres são superiores em atenção, em memorização de palavras e rostos e em desafios de inteligência social, mas os homens são mais rápidos em absorver e usar uma informação.

Sabe-se que homens e mulheres pensam, agem e sentem de modos bastante distintos. Sob o ponto de vista estritamente biológico, as diferenças entre homens e mulheres decorrem da interação entre genes e hormônios. A testosterona é fundamental na formação e manutenção das características físicas masculinas, o mesmo acontecendo com o estrógeno, para a mulheres. Eles não só determinam características exteriores e comportamentos, como também regem o funcionamento de órgãos essenciais.

Por outro prisma, Tannen (1986), de sua posição de linguista, mostra que a diferença entre homem e mulher é de natureza cultural, ou melhor, intracultural, já que homens e mulheres – mesmo educados em um mesmo país – pertenceriam a culturas diferentes. Cultura é simplesmente uma rede de hábitos e padrões reunidos através da experiência, e mulheres e homens têm diferentes experiências passadas (KÖVECSES, 2005)¹. Desde que nascem, eles são tratados de modos diferentes, as pessoas falam com eles de modos diferentes e, como resultado, eles falam de modos diferentes. Meninos e meninas crescem em mundos diferentes, mesmo que cresçam no mesmo lar. Para Sayão (2016), esse fato reflete-se nas escolas, que

¹ Para Kövecses (2005, p. 1), de acordo com o pensamento corrente na antropologia, podemos pensar a cultura como um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos de pessoas (D'ANDRADE, 1995; SHORE, 1996; STRAUSS; QUINN, 1997 *apud* KÖVECSES, 2005). Essa não é uma definição exaustiva de cultura, diz o autor, já que deixa de lado objetos reais, artefatos, instituições, práticas, ações etc., que as pessoas usam em qualquer cultura, mas inclui uma boa porção deles: em especial, os entendimentos compartilhados que as pessoas têm em conexão com essas outras "coisas".

não têm programas de educação que ensinem que diferença não significa superioridade ou inferioridade em relação a meninos e meninas.

A inspiração para esta pesquisa nasceu do nosso encontro com a proposta sobre a metáfora, de Kövecses (2005), que apresenta evidências que apoiam a ideia de que esse tropo² varia não só interculturalmente, mas também dentro de culturas. A dimensão social inclui a distinção da sociedade em homens e mulheres, jovens e velhos, classe média e classe trabalhadora. Usariam eles diferentes tipos de metáfora? Por enquanto, diz Kövecses, não temos estudos relevantes, da perspectiva da linguística cognitiva, que possam indicar se diferentes segmentos da cultura usariam diferentes tipos de metáfora.

Dentro dessa perspectiva, o nosso objetivo é verificar se o gênero masculino e o gênero feminino constituiriam fenômenos intraculturais, cujas diferenças aflorariam em suas expressões linguísticas, envolvendo, em especial, a semântica da avaliação – o sentimento, o julgamento e a apreciação de vários fenômenos da experiência – além da metáfora.

Essa trajetória envolvendo a avaliação e a metáfora remete-nos às pesquisas de Bednarek (2009) e de Malrieu (1994). Segundo Bednarek, os processos de avaliação de fenômenos emocionais têm sido tratados tradicionalmente pela psicologia, mas há cerca de duas décadas vários linguistas voltaram sua atenção a fenômenos interpessoais, como a avaliação referente ao afeto. A autora compara as abordagens cognitivo/psicológicas para a expressão e a criação de emoção na língua com a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), enfocando a teoria da Avaliatividade, ao mesmo tempo em que envolve a aplicação da teoria de frames e esquemas da ciência cognitiva. Ela concorda com Ellsworth (1994, p. 36), para quem “na medida em que a pesquisa psicológica da dimensão avaliativa depende do uso da língua, essa pesquisa deve beneficiar-se com as pesquisas linguísticas da avaliação”. Assim, também, a metáfora é alvo de pesquisas dessas duas ciências, conforme diz Malrieu (1999): “uma contribuição importante da semântica cognitiva para a teoria linguística do fenômeno avaliativo é a pesquisa de Lakoff sobre a metáfora por meio da qual concebemos a moralidade” (MALRIEU 1999, p. 118).

² Tropo: emprego de palavras em sentido diferente daquele que propriamente lhes corresponde, mas que tem com este alguma relação de semelhança, de compreensão, de contrariedade ou de conexão; metáfora (Dicionário Michaelis, 2009).

Assim, encetamos duas pesquisas. Inicialmente – para averiguar a existência de diferenças intraculturais – examinamos as avaliações feitas por homens e mulheres, ao qualificar o sexo oposto e o seu próprio sexo. Feito isso, examinamos, na esteira de Kövecses (2005), as metáforas que subjazem ao conceito de VIDA. Ambos os estudos foram realizados em um segmento da cultura paulistana (constituída por colegas e professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de amigos), enfocando as avaliações e as metáforas que acontecem entre falantes de uma mesma língua, mas pertencentes a diferentes gêneros (masculino X feminino).

Este estudo tem o apoio básico da LSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), com enfoque na sua Metafunção Interpessoal, que abrange, hoje, o sistema da Avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003), cujas categorias permitem a avaliação não só explícita, mas também implícita de pessoas, coisas ou ideias. A pesquisa ampara-se também na teoria da metáfora conceptual e cultural (LAKOFF, 1980; CHARTERIS-BLACK, 2004, KÖVECSES, 2005).

Fundamentação teórica

Apresentamos aqui as teorias que embasam nossa análise: A metáfora conceptual e cultural e a Linguística Sistêmico-Funcional, incluindo a Avaliatividade.

A Metáfora

A origem etimológica da palavra metáfora vem do grego *meta* = com/depois e *pherein* = carregar, transferir, ou seja, a noção central de metáfora é a transferência de significado (CHARTERIS-BLACK, 2004). Velasco-Sacristán (2010), em uma abordagem cognitivo-semântica, ao comparar metáfora e metonímia, esclarece uma característica que marca a metáfora. Ambas as figuras podem ser definidas da seguinte forma: a metáfora seria um mapeamento entre domínios, enquanto a metonímia seria um mapeamento intra-domínio motivado pela associação conceptual em que um (sub)domínio é entendido em termos de um outro (sub)domínio, incluído no mesmo domínio experiencial ou domínio-matriz.

Para Lakoff (1993, p. 20), “[...] o lugar da metáfora não é a língua, mas o modo como conceituamos um domínio mental em termos de outro [...]”, embora, como observa Ellsworth (1994), a pesquisa psicológica dependa do uso da língua,

Para Charteris-Black (2004), um princípio central da semântica cognitiva é a criação pela linguagem figurativa de relações entre os significados de unidades linguísticas que não poderiam, de outro modo, ser tratadas somente com referência à sintaxe, gramática e o léxico. Essa visão emergiu em reação à visão de que a língua existiria independentemente do contexto em que é usada. Como afirma Croft (1993, p. 336), “Um dos princípios centrais da semântica cognitiva é de que o significado das palavras é enciclopédico: tudo que se sabe sobre um conceito é parte do significado [...]”.

Para a linguística cognitiva, segundo Charteris-Black (2004), uma metáfora chave para a transferência do significado é o **mapeamento** de um domínio **fonte** para o domínio **alvo** (LAKOFF, 1993 apud ORTONY, 1979, p. 206). A estrutura de domínios de fonte concreta é mapeada nos domínios do alvo abstrato. Lakoff rotula esses mapeamentos, usando recursos mnemônicos do tipo DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE (LAKOFF, 1993, p. 207).

A literatura sobre a metáfora mostra uma terminologia que abrange: *Tenor/Topic* e *Vehicle* (GOATLY, 1997); *Source* e *Target* (CHARTERIS-BLACK, 2004; KÖVECSES, 2005; VELASCO-SACRISTÁN, 2010), mas Shie (2011) faz a distinção entre *source/target* (para metáfora) e *vehicle/target* (para metonímia). Já Goatly (1997) fala também em *BASE* para especificar as similaridades e/ou analogias envolvidas na metáfora, como mostra o exemplo (1).

- (a) Fonte (*source*) é o referente convencional da unidade;
- (b) Alvo (*target*) é o referente não-convencional; e
- (c) Base similaridades

(1) O passado é um país estrangeiro; eles fazem as coisas de modo diferente lá.
 Alvo Fonte Base (similaridade)

É importante esclarecer aqui as noções de **metáfora** e de **expressões metafóricas**. Charteris-Black (2004), mencionando o trabalho clássico *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980), fala da proposta básica dessa abordagem de que as expressões metafóricas são motivadas por metáforas conceptuais (ou subjacentes), ou seja, que uma única ideia explicaria várias expressões metafóricas. Assim, uma metáfora conceptual, que tem a forma A é B (e.g. A VIDA É UMA VIAGEM), abrange muitas expressões metafóricas (e.g. estar numa encruzilhada, extraviar-se

do caminho) em que o domínio da experiência (e.g. vida) é conceptualizada em termos de outro (e.g. viagens).

Nesse contexto, Kövecses (2005) questiona o seguinte: Por que muitas pessoas familiarizadas com a visão de Metáfora conceptual, originada em *Metaphors We Live By*, esperam que as metáforas, na visão da linguística cognitiva, devam ser universais? E por que não se leva em conta a diversidade de metáforas entre as culturas ou mesmo dentro de culturas? Se examinarmos as metáforas, diz Kövecses, temos a impressão de que elas mostram uma grande variação entre as línguas. Mas também notamos que essa diversidade é apenas superficial. Assim, diz o autor, as metáforas conceptuais tendem a ser potencialmente universais apenas em um alto nível de abstração – o nível superordenado.

A metáfora A PESSOA ZANGADA É UM RECIPIENTE PRESSURIZADO parece ser universal. O que é especialmente importante sobre essa metáfora conceptual é que ela funciona em um nível extremamente geral, não especificando muitas coisas que poderiam ser especificadas: o tipo de recipiente que é usado; que tipo de substância enche o recipiente (líquido ou sólido) e que consequências tem a explosão.

A propósito, Matsuki (1995) observa que todas as metáforas para raiva em inglês que são analisadas por Lakoff e Kövecses (1987) podem ser encontradas no japonês. Ao mesmo tempo, ela mostra que há muitos exemplos de expressões de raiva que se agrupam em torno do conceito de *hara* (barriga), ou seja, o recipiente que é pressurizado é a barriga – e não a cabeça, como acontece no Ocidente – conceito culturalmente significativo na cultura japonesa. Assim, “ficar com raiva” é traduzido pela expressão *hara ga tatsu* (a barriga incha).

É com base nesse tipo de evidência, que Quinn (1991, p. 60), em contraste àquela adotada pela teoria da metáfora conceptual, afirma que se deve dar um papel mais fundamental à cultura, para que “[...] as metáforas, longe de constituir o entendimento, são geralmente selecionadas para ajustar-se a um modelo preexistente e culturalmente compartilhado [...]”, fato que dá apoio à presente pesquisa, como veremos.

A Linguística sistêmico-funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994) é uma teoria, segundo a qual, a língua é formada por muitos sistemas, cada um representando um

tipo de escolha de sentido (geralmente inconsciente) feito pelos falantes e daí o nome “sistêmico”; além disso, essas escolhas servem para os falantes realizarem coisas com a língua (daí o nome “funcional”). De acordo com Eggins (2004, p. 3), o modelo estabelece que:

- o uso da língua é funcional;
- a função da linguagem é construir significados;
- os significados são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados;
- o processo de uso da língua é um processo semiótico, um processo de fazer significado por meio de escolhas.

As funções da linguagem, que preenchem uma série de necessidades humanas, estão categorizadas na LSF sob um guarda-chuva de três Metafunções, a saber, a Ideacional, a Interpessoal e a Textual. A Metafunção Ideacional refere-se à habilidade humana de construir experiências, nomeando entidades e construindo categorias e taxonomias; a Metafunção Interpessoal permite que as pessoas interajam em relações pessoais e sociais; a Metafunção Textual refere-se à possibilidade da construção do texto para expressar as outras duas Metafunções, dando textura ao texto para fazê-lo operacionalmente relevante (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A Metafunção Interpessoal é hoje considerada como a mais relevante, na medida em que as escolhas léxico-gramaticais feitas tanto na Metafunção Ideacional, quanto na Textual, tem como meta primeira o envolvimento do interlocutor, incluindo todas as formas da intromissão do falante na situação de fala e no ato de fala. A Metafunção Interpessoal tem em seu bojo a noção de Avaliatividade, que dará apoio à nossa pesquisa.

Com vistas à relação entre a LSF e a ciência cognitiva, que interessa à nossa pesquisa, vemos uma mudança de posicionamento de Halliday (1978, p. 38-39), desde quando afirmou que “a linguística é um ramo da sociologia”, passando pela fase da visão de incorporação, segundo Butler (2013). Halliday e Matthiessen (1999 [2006]) afirmam, então, que “a língua é capaz de criar significados porque: “os processos da língua acontecem em espaço e tempo fisiológicos (incluindo o neural) e físicos”, e que a linguagem “é uma teoria **sobre** o mundo material”, e que “a que “a

própria língua é uma **metáfora** para o mundo material”, em sua organização estratificada e multifuncional (p. 602, ênfase no original).

Porém, juntamente com a ênfase da incorporação e integração com práticas sociais caminha a reinterpretação da natureza da consciência (HALLIDAY, 2004; MATTHESEN, 2004), com base no trabalho do neurocientista Edelman (1992, 2004) sobre a co-evolução da língua e do cérebro, o que sugere um papel muito mais central da língua no desenvolvimento da consciência. Assim, Halliday e Matthessen (1999 [2006], p. x), afirmam que “em vez de explicar a língua por referência a processos cognitivos, explicamos a cognição por referência a processos linguísticos, fato em nos baseamos para entender a diferença entre homens e mulheres com base em suas expressões linguísticas.

Butler (2013) vislumbra uma rota que possibilitaria uma exploração mais intensa do potencial que oferece o elo entre a LSF e a ciência cognitiva diante da ênfase crescente dos métodos empíricos na área desta ciência. Fatores semióticos constituem uma área em que a LSF poderia contribuir para a dinâmica da construção do significado na ciência cognitiva, incluindo o estudo da categorização e do construto, além da metáfora, tanto lexical quanto gramatical.

Também da posição da ciência cognitiva, Bednarek (2009) afirma que a importância da avaliação torna-se evidente se considerarmos a dificuldade, se não a impossibilidade, para o ser humano, de falar com uma voz complementemente “objetiva”, sem impor uma avaliação em seu enunciado e sem comunicar valores de julgamento. A mesma importância pode ser também atribuída às operações cognitivas de avaliação. Como afirma Malrieu (1999, p. 281), “a avaliação é quase tão básica para a cognição humana quanto a consciência. É uma forma de vigilância, de observação detida, que opera, na subjacência da nossa consciência”.

A avaliação é tratada na LSF com o nome de Avaliatividade (tradução de *Appraisal*), que explicamos a seguir.

A Avaliatividade

Desde a sua introdução nos anos noventa, o modelo da Avaliatividade tem alcançado crescente popularidade como um recurso para analisar a avaliação no discurso. O modelo tem sido aplicado a uma variedade de tipos diferentes de textos de diferentes contextos, como notícia de jornal, escrita acadêmica, sites de turismo e

discursos de negócios. O modelo oferece uma rica variedade de categorias analíticas designadas a capturar a gama de aspectos interpessoais sutis de textos de modo a capacitar uma descrição maximamente detalhada. Tais categorias são organizadas em três componentes interativos básicos: ATITUDE, COMPROMISSO e GRADUAÇÃO. A ATITUDE, que é considerada como focal, envolve: Afeto, Apreciação, Julgamento (conforme Quadro 1). O Compromisso abrange um conjunto de recursos por meio dos quais os falantes adotam posições com respeito às proposições, envolvendo: Monoglóssicos (afirmações não-dialogizadas (*bare assertions*) e Heteroglóssicos ou Dialogísticos (nos quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas/voz). A Graduação é usada para escalar a intensidade de uma atitude ou o grau do investimento do falante referente a uma proposição (MARTIN; WHITE, 2005).

ATITUDE	(a) Afeto	(in)Felicidade		
		(in)Segurança		
		(in)Satisfação		
	(b) Julgamento	Estima Social	Normalidade [frequente/raro]	
			Capacidade	Tenacidade
		Sanção Social	Veracidade	
			Propriedade [ética]	
	(c) Apreciação	Reação (impacto): [Isso me cativa?]		
		Reação (qualidade): [Eu gosto disso?]		
		Composição (equilíbrio): [Eles combinam?]		
		Composição (complexidade): [Fácil compreensão?]		
		Valoração [Vale a pena?]		

Quadro 1 – O sub-sistema da ATITUDE

Fonte: Martim e White (2005, p. 49)

Em termos da relação entre linguística e ciência da cognição, Bednarek (2009), que compara as categorias da Avaliatividade com as de principais emoções básicas da psicologia, afirma que as categorias de ATITUDE (do Quadro 1) são especificações da classificação geral de “emoção” em termos psicológicos.

A seguir, apresentamos as duas pesquisas: (I) homens e mulheres avaliando o homem e, depois, a mulher; (II) as metáforas produzidas por homens e mulheres em relação à VIDA.

(I) Homens E Mulheres Avaliam O Sexo Oposto E O Seu Próprio Sexo

Metodologia

A pesquisa tem o apoio básico da LSF, uma abordagem que procura desenvolver uma metodologia que permite uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos. Dessa teoria, enfocamos a Avaliatividade, uma ampliação de sua Metafunção interpessoal, na análise das opiniões expressas pelos participantes. A LSF, devido ao seu cunho multifuncional, pode lançar luzes sobre a relação língua e contexto e servir de base para a análise de metáfora (CHARTERIS-BLACK, 2004).

Dados

A pesquisa, realizada na cidade de São Paulo, contou com 55 sujeitos – aqueles que responderam à nossa solicitação (22 homens e 33 mulheres) – com a faixa etária variando de 25 a 55 anos, alunos de mestrado, doutorado e professores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, além de amigos, todos com nível superior de instrução. Tínhamos em mente a sugestão de Kövecses (2005) de que as metáforas variariam não só interculturalmente, mas também dentro de uma cultura. Assim, enfocamos a dimensão social, que inclui a distinção da sociedade em homens e mulheres.

As características dos entrevistados enfocados foram: além do sexo (critério inerente à pesquisa), idade e nível instrucional. Com isso tivemos em mente diminuir ao máximo a interferência de dados contextuais que pudessem diminuir a validade da pesquisa.

Quando à escolha do tema da pesquisa – a avaliação – imaginamos que a coleta de dados seria facilitada exatamente por uma característica do ser humano, apontada por Bednarek (2009): a sua dificuldade de falar com uma voz complementemente “objetiva”, sem impor uma avaliação em seu enunciado e sem comunicar valores de julgamento.

Procedimentos de geração de dados e análise

Para a primeira pesquisa – referente à avaliação que faziam do próprio sexo e do sexo oposto – os sujeitos preencheram uma cartela com 10 sentenças iniciadas com “O homem é...” e outra com 10 sentenças iniciadas com “A mulher é...”.

Quadro A

1	O homem é	Infiel
2	O homem é	Interesseiro
3 ~10		

Quadro B

1	A mulher é	Inteligente
2	A mulher é	Audaciosa
3 ~10		

Essas avaliações foram classificadas por quatro pesquisadores – da área da Linguística - em: Avaliatividades: positiva (em *itálico*), negativa (em **negrito**) e DUVIDOSA (em maiúscula) (esta última indicando o caso em que não se chegou a um consenso: se positiva ou negativa), conforme Quadro 2.

Dados	Opiniões
Homem 47- pós	6 x 4 (H) <i>amigo – adaptável às situações – alegre – rápido de raciocínio – amante de esportes – quem finge ouvir o que a mulher fala – machista – preguiçoso – poligâmico – MUITO LIGADO À MÃE</i> 4 x 6 (M) <i>determinada – capaz de fazer várias coisas concomitantemente – mãe – trabalhadora faladeira – curiosa – séria demais – incapaz de ser amiga de outra mulher – artilosa – excessivamente preocupada</i>
Explicação: Homem de 47 anos, cursando a pós-graduação, dá sua opinião: <u>Sobre homem</u> (H): 6 Avaliatividades positivas (<i>itálico</i>) e 4 negativas (negrito). Em maiúscula, em que houve dúvida por parte dos avaliadores: positiva? negativa? <u>Sobre mulher</u> (M): 4 Avaliatividades positivas e 6 negativas.	

Quadro 2 – Classificação das Avaliatividades

Fonte: Saparas e Ikeda (2016)

Análise e discussão dos resultados

Como 33 mulheres e 22 homens preencheram com 10 posicionamentos avaliativos em relação ao homem e 10 em relação à mulher, o resultado rendeu 1.100 Avaliatividades. Uma solução para lidar com esse volume de avaliações foi tentar reduzir as opiniões, reunindo sob uma Avaliatividade geral, vários casos semelhantes que compuseram o Quadro 3, o que nos levou a considerar, também, a seguinte subdivisão, com opiniões que se enquadram em: comportamento de homens e mulheres na *interação*, suas características *psicológicas* e *físicas*. Notemos que, no caso da interação e do psicológico, estamos tratando de Avaliatividade de Julgamento (avaliação ética) e no caso do físico, falamos de Avaliatividade de Apreciação (avaliação estética).

Quanto à questão da Avaliatividade de Compromisso, foram todas do tipo Monoglóssico, ou seja, afirmações não-dialogizadas, sem compromisso com posições alternativas, isso porque bastava aos sujeitos da pesquisa preencher uma sentença afirmativa iniciada com “O homem/A mulher é ...” ou “A vida é ...”. Quanto à Graduação, não observamos a inclusão de advérbios de intensidade, mas notamos que um epíteto como “miserável” ou “grosso”, já incluem morfologicamente o intensificador “muito” (miserável = muito ruim).

HOMEM	Avaliatividade Positiva	(a) INTERAÇÃO: cavalheiro – atencioso – sincero – parceiro – bom motorista (b) PSICOLÓGICO: racional – inteligente – prático – exteriorizado – direto – rápido – transformador – simplista – sensível – curioso (c) FÍSICO: resistente fisicamente – forte – ágil – viril – másculo – sexual – belo – visual
	Avaliatividade Negativa	(a) INTERAÇÃO: arrogante – indelicado – grosso – miserável – devedor (b) PSICOLÓGICO: irritado – impaciente – incomodado – ego exagerado – humano quando interessa – lobo do homem – desconfiado – imprudente – insensato – construtor de desastres ignorante – escatológico (c) FÍSICO: lerdo – duro – pesado

Quadro 4 – Avaliatividades de homens em relação ao HOMEM
Fonte: Saparas e Ikeda (2016)

Assim procedemos também com relação à mulher, avaliada por homens e por mulheres, no Quadro 5:

MULHER	Avaliatividade Positiva	(a) INTERAÇÃO: sociável – carinhosa – compreensiva – companheira – mãe (a) PSICOLÓGICO: delicada – sentimental – emocional – frágil – sensível – delicada – leve – detalhista – insistente – perfeccionista – firme – mais concentrada – esperta – observadora – inteligente – romântica – sensata (c) FÍSICO: bela – charmosa – sensual – formosa – vaidosa – menos sexual
	Avaliatividade Negativa	(a) INTERAÇÃO: faladeira – chata – fofoqueira – falsa – fresca – cascavel – interesseira – desligada (b) PSICOLÓGICO: impaciente – volúvel – incompreendida – vítima estranha (c) FÍSICO: não houve comentários

Quadro 5 – Avaliatividades de mulheres em relação à MULHER

Fonte: Saporas e Ikeda (2016)

Os Quadros 4 e 5 mostram que há na cultura, em termos gerais, diferenças que marcam homens e mulheres. Assim, no item *interação positiva*, não houve nenhuma Avaliatividade coincidente entre eles; em *psicológico positivo*, apenas duas Avaliatividades (em negrito) coincidiram: “inteligente” e “sensível”; e em **físico positivo**, não houve nenhuma coincidência.

Por outro lado, na Avaliatividade negativa, apenas “impaciente”, em **psicológico**, coincidiu entre homens e mulheres. Digno de nota é o item *físico negativo*, em que não houve, por parte das mulheres, Avaliatividades de Apreciação negativas ao físico da mulher, enquanto que por parte dos homens só houve Avaliatividades positivas referentes à mulher nesse item.

A pesquisa mostra, então, que há uma expectativa diferente em relação às características de cada sexo; assim, por exemplo, uma mulher é avaliada negativamente como sendo “fresca”, “falsa”, “fofoqueira”, “faladeira”, ou seja, espera-se que a mulher evite ser caracterizada com esses epítetos; já essas características não apareceram na avaliação do homem. Por outro lado, a avaliação

negativa em relação ao homem gira em torno de epítetos como: “irritado”, “grosso”, “indelicado”, que não se aplicaram à mulher. Também foi verificado que o epíteto “ambicioso” foi considerado positivo para os homens, mas houve dúvidas por parte dos avaliadores quanto a “ambiciosa” para mulheres; assim também, não houve consenso entre os avaliadores quanto a “instintivo”, “viúvo por um dia só, pois no outro já tem outra” e “preocupado com sexo” para o homem. Esta pesquisa pode nos dar uma boa orientação em direção do que sugere Kövecses, ou seja, de diferenças intraculturais ente homens e mulheres.

Computando-se os resultados das entrevistas, chegou-se às seguintes porcentagens:

	Positiva	Negativa	Duvidosa	Total Geral
Sobre homens	106 (48%)	112 (51%)	2 (1%)	220 (100%)
Sobre mulheres	159 (72%)	58 (27 %)	3 (1%)	220 (100%)

Tabela 1 – Avaliação feita por Homens

Fonte: Saparas e Ikeda (2016)

A Tabela 1 mostra que os homens expressam Avaliatividade negativa (51%) ligeiramente superior à negativa (48%) de si mesmos; e eles expressam Avaliatividades bastante positiva (72%) em relação à mulher, ao lado da pequena porcentagem negativa (27%), o que não deixa de surpreender.

A Tabela 2 mostra que as mulheres expressaram maior número de Avaliatividade positiva para o homem (56%) em relação à negativa (43%). E, em relação a si mesmas, registraram avaliação positiva (77,5%) em porcentagem bem superior à negativa (22%).

	Positiva	Negativa	Duvidosa	Total geral
Sobre homens	185 (56%)	142 (43%)	3 (1%)	330 (100%)
Sobre mulheres	256 (77,5%)	72 (22%)	2 (0,5%)	330 (100%)

Tabela 2 – Avaliação feita por Mulheres

Saparas e Ikeda (2016)

As Tabelas 1 e 2 tendem a revelar o seguinte: os homens são menos condescendentes em relação a si mesmos, demonstrando ter consciência dos defeitos que em geral as mulheres lhes atribuem; já as mulheres posicionam-se exatamente de maneira oposta, atribuindo-se qualidades positivas em número muito maior (o triplo) em relação à qualidade negativa.

E voltamos à questão que iniciou a pesquisa, a de que as metáforas variam intraculturalmente, segundo Kövecses (2005). Dentre as dimensões citadas pelo autor, examinamos a distinção entre homens e mulheres. Usariam eles diferentes tipos de metáfora?

(II) A METÁFORA INTRACULTURAL: VIDA

Cultura, para Kövecses (2005), é “[...] um conjunto de entendimentos compartilhados que caracterizam grupos de pessoas e que quando consideramos a cultura dessa forma, a conexão entre metáfora e cultura emerge de modo direto dentro do enquadre da linguística cognitiva iniciado pelo trabalho *Metaphors we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson (1980). Tendo essas noções em mente, examinamos a opinião de homens e mulheres sobre a VIDA, para verificar se de fato haveria aí um conjunto de entendimentos que constituiriam, assim, duas culturas diferentes que se expressariam por meio de diferentes metáforas.

Os dados e os procedimentos de análise são praticamente os mesmos considerados na pesquisa acima; exceto o número de opiniões, como se vê na Tabela 3. Desse modo, iremos direto à análise e à discussão dos resultados.

Sexo → Faixa etária ↓	Número de Opiniões	
	H	M
25–35	98	80
36–45	30	30
46–55	50	110
+ 55	10	40
TOTAL	188	260

Tabela 3 – Os Entrevistados

Fonte: Saporas e Ikeda (2016)

Iniciamos a pesquisa com a seguinte solicitação:

Esta é parte de uma pesquisa. Por favor, complete a sentença abaixo, dando a sua opinião, sobre o que acha da VIDA.

1	A VIDA É	
2	A VIDA É	
3 ~10		

Citamos, a seguir, algumas das opiniões avaliativas sobre a VIDA que nos foram enviadas:

A vida é:

trabalho – surfar – sexo, drogas e rock'n' roll – música de flauta e piano – vinho – morte – ponto de interrogação – caixinha de surpresas – um presente de Deus – um presente – uma luta diária – um doce de leite – uma montanha russa – uma aprendizagem – um teatro – uma troca – um desafio, etc.

Haveria, nessa grande variedade de respostas, algo que pudesse dividi-las em grupos sob um grande indicador comum? A pergunta nos leva à distinção, já referida, entre metáfora e expressões metafóricas, ou seja, de que uma única ideia (uma metáfora) resumiria várias expressões metafóricas. As opiniões avaliativas seriam as expressões metafóricas. Assim, reunimos algumas dessas expressões metafóricas mais recorrentes, reunindo-as sob algumas metáforas, como “A VIDA É UM ENIGMA” conforme mostra a Tabela 4:

Resumidamente	25–35		36–45		46–55		56....		TOTAL
	H	M	H	M	H	M	H	M	
A VIDA É									
ENIGMA	24,6	31,5	5,3	5,3	7,0	22,8	0	3,5	100%
RUIM	17,0	17,0	6,4	2,3	12,8	23,4	0	21,3	100%
APRENDIZADO	35,6	20,3	1,7	1,7	8,5	23,7	0	8,5	100%
AMIZADE	29,8	18,9	0	18,9	13,5	10,8	0	8,1	100%
BOA	31,9	29,2	8,3	2,8	12,5	13,9	0	1,4	100%

AMOR	29,5	17,6	0	5,9	17,6	17,6	0	11,8	100%
TRANSITÓRIA	19,3	12,3	7,0	5,3	14,0	19,3	10,5	12,3	100%
RELIGIOSIDADE	8,7	13,0	13,0	8,7	4,3	39,3	8,7	4,3	100%
Outros	18,5	13,6	0	12,3	11,1	30,9	2,5	11,1	100%

Tabela 4 – Resumo geral de opiniões sobre a VIDA

Fonte: Saporas e Ikeda (2016)

A seguir, o Quadro 6, resume as metáforas mais recorrentes, com a classificação indicando as três mais apontadas por homens e por mulheres, indicando com “ruim” as Avaliatividades negativas em relação à vida:

Faixa etária	Sexo	1º. lugar	2º. lugar	3º. lugar
25~35	H	Aprendizado	Ruim	Amizade
	M	Enigma	Ruim	Aprendizado
36~45	H	Religião	Ruim	Transitória
	M	Amizade	Religiosidade	Amor
46~55	H	Amor	Transitória	Amizade
	M	Religião	Aprendizado	Ruim
56 ...	H	Transitória	Religiosidade	–
	M	Ruim	Transitória	Amor

Quadro 6 – As Categorias mais Recorrentes

Fonte: Saporas e Ikeda (2016)

O Quadro 6 mostra-nos a recorrência de metáforas envolvendo “aprendizado”, “amizade”, “religiosidade”, “transitória”, “amor” e “ruim”. Ou seja, parece que o Quadro nos revela que homens e mulheres usariam as mesmas metáforas concernentes à vida. Talvez essas categorias adquirissem diferentes significados quando declarados por homens e por mulheres. Assim, decidimos investigar na faixa etária de 25~35, a Avaliatividade “ruim”, que acontece em 2º. lugar tanto para homens quanto para mulheres. O resultado foi o seguinte, como mostra o Quadro 7:

Homens (25~35)	Mulheres (25~35)
<ul style="list-style-type: none"> ● renúncia ● quando a alma se machuca ● dolorosa ● momentos infelizes ● uma sequência de pequenas decepções ● dura ● “é fogo” ● morte 	<ul style="list-style-type: none"> ● aceitar diferenças ● ter que fazer várias coisas que não gosta ● vontade de sumir ● uma luta diária ● luta ● luta ● muito suor para os louros ● um transtorno bipolar

Quadro 7 - A VIDA É RUIM PORQUE É:
Fonte: Saporas e Ikeda (2016)

O Quadro 7 mostra que tanto homens quanto mulheres nesse faixa etária julgam que a vida seja ruim porque envolve sofrimento na relação com o outro ou com o mundo. A diferença estaria no fato de que para o homem **A VIDA É RUIM** porque **A VIDA É DOR**, “dor emocional”, enquanto que para a mulher **A VIDA É RUIM** porque **A VIDA É SUJEIÇÃO**, é não poder dispor de liberdade.

Em **A VIDA É RUIM**, o epíteto “RUIM” é classificado como Afeto negativo pela linguística, conforme Quadro 1 (MARTIN; WHITE, 2005), e que, segundo Bednarek (2009), corresponde a “emoção” em termos da ciência cognitiva. Assim, segundo a autora, as dimensões da avaliação têm sido identificadas tanto nos estudos da linguística, quanto nos da cognição. Para ela, as pesquisas psicológicas sobre emoções básicas podem ser relacionadas às pesquisas linguísticas sobre afeto.

Considerações finais

As pesquisas nos mostraram a necessidade de muito refinamento na seleção dos dados, para circunscrever a noção de “intraculturalidade”. Assim, mesmo limitando os dados em “homem” e “mulher”, há a questão da diferença de idades, nível de instrução, religião e outros elementos importantes nessa caracterização. Essa questão tende a diminuir a amplitude do campo de pesquisa, o que pode influir nos resultados obtidos.

Mesmo levando em conta essa limitação, a primeira pesquisa, “Homens e Mulheres Avaliam o Sexo Oposto e o seu Próprio Sexo”, mostrou-nos certas

tendências: algumas Avaliatividades, que avaliam a mulher não se aplicam ao homem, tanto que “faladeira”, aplicada à mulher nem possui a contrapartida “faladeiro”. De qualquer forma, essas são tendências apenas, havendo homens “falsos” e mulheres “grossas”, mas mesmo assim, quando aplicadas a eles e elas, respectivamente, parecem apontar uma nuance de feminilidade no primeiro caso e de masculinidade no segundo. Curioso é o fato de os avaliadores terem expressado dúvida em relação a epítetos como “ambiciosa” para a mulher: essa uma Avaliatividade positiva ou negativa em relação à mulher?

Quanto à segunda pesquisa, “A Metáfora Intracultural: Vida”, verificamos que A VIDA É RUIM para os homens porque significa dor emocional, fato inesperado talvez porque eles não demonstram o sofrimento emocional, não se confidenciando com amigos como, em geral, fazem as mulheres. Nota-se, então, uma certa carência afetiva em suas metáforas, insuspeitadas, talvez, para o sexo oposto.

Já em relação às mulheres, não nos surpreendeu a metáfora A VIDA É SUJEIÇÃO, já que essa é a condição imposta pela sociedade, talvez mundial, já que é esse o comportamento esperado do sexo feminino. O que surpreende é que já nessa faixa etária as mulheres revelem a vontade “de sumir”, diante dessa “luta diária”, que é a vida.

Falando da posição de professores que somos, a pesquisa mostrou-nos que as diferenças entre homens e mulheres existem, como já nos referimos na introdução deste trabalho, e que, se não podem ser mudadas, ao menos devem ser reconhecidas, em especial no ambiente escolar, em que temos alguma possibilidade de intervir, como diz Sayão (2016), “devemos mudar a maneira de educá-los”. Nesse sentido, saber como se avaliam entre si, fato estampado em suas expressões linguísticas, bem como entender como ambos encaram a vida – com visões diferentes e inerentes a cada sexo – é um dos fatores que pode interferir nessa educação.

Referências

BEDNAREK, M. Dimensions of evaluation: Cognitive and linguistic perspectives. **Pragmatics & Cognition** 17.1, 2009, p. 146-175.

BUTLER, C. S. Systemic Functional Linguistics, Cognitive Linguistics and psycholinguistics: Opportunities for dialogue. **Functions of Language** 20.2, 2013, p. 185-218.

CHARTERIS-BLACK, J. **Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis**. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

CROFT, W. The role of domains in the interpretations of metaphors and metonymies. **Cognitive Linguistics** 4, 1993, p. 335–370.

EDELMAN, G. M. **Bright air, brilliant fire, on the matter of mind**. New York: Basic books, 1992.

_____. **Wider than the sky: the phenomenal gift of consciousness**. New Haven: Yale University press, 2004.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum International Publishing Group Ltd, 2004.

ELLSWORTH, P.C. Sense, culture, and sensibility. In KITAYAMA, S; DAVIDSON, H.R. (eds.), **Emotion and Culture, Empirical of Mutual Influence**. Washington: American Psychological Association, 1994, p. 25-50.

GOATLY, A. **The language of metaphors**. NY: Routledge, 1997.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATHIESSEM, M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. 3. ed. London: Edward Arnold, 2004.

HOMMERBERG, C. Bringing consumption reviews into relief by combining Appraisal and argumentation analysis. **Text & Talk** 35.2, 2015, p. 155-175.

KÖVECSES, Z. **Metaphor in Culture: Universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge: CUP, 1993.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors We Live By**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G., KÖVECSES, Z. The Cognitive Model of Anger Inherent in American English. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. **Cultural Models in Language and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987, p. 195-221.

LEWIS, T. How Men's Brains Are Wired Differently Than Women's. **Scientific American**, 2003. Disponível em: <<http://www.scientificamerican/article.cfm?id=how-mens-brains-are-wired-differently-than-women>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

LUKIN, A. What do texts do? The context-construing work of News. **Text & Talk** 33.4/5, 2013, p. 523-551.

MALRIEU, J.P. **Evaluative Semantics. Cognition, Language and Ideology.** Londres/Nova York: Routledge, 1999.

MARTIN, J.R. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse.** Oxford: OUP, 2000.

____. Introduction, special issue on Appraisal. **Text & Talk** 23.2, 2003, p. 171-181.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English.** London: Palgrave, 2005.

MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In: TAYLOR, J. R.; MACLAURY, R. **Language and the cognitive construal of the world.** Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.

MODERNO DICIONÁRIO MICHAELIS, Edição Melhoramentos, 2009.

QUINN, N. The cultural basis of metaphor. In: FERNÁNDEZ, J. (org.). **Beyond Metaphor. The Theory of Tropes in Anthropology.** Stanford, CA: Stanford University Press, 1991, p. 56-93.

SAYÃO, R. Mudar para proteger. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 fev. 2016. Folha Cotidiano.

SHIE, J-S. Metaphors and metonymies in New York Times and Times Supplement news headlines. **Journal of Pragmatics** 43, 2011, p. 1318-1334.

TANNEN, D. **That's not what I mean! – How conversational style makes or breaks relationships.** New York: Ballantine Books, 1986.

VELASCO-SACRISTÁN, M. Metonymic Grounding of Ideological Metaphors: Evidence from Advertising Gender Metaphors. **Journal of Pragmatics**, 42, 2010, p. 64-96.

Recebido em 19 de fevereiro de 2016
Aceito em 02 de maio de 2016